

## Criatividade na escola: refletindo sobre currículo e práticas pedagógicas

Ariany Lima Vieira Guerra<sup>i</sup> 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

### Resumo

O presente estudo é fruto da pesquisa de mestrado da autora intitulada: Criar em atividade: estudo de caso de uma escola premiada pelo Programa Inovação e Criatividade na Educação Básica/MEC em Fortaleza, Ceará que buscou discutir sobre como a criatividade tem sido contemplada na escola realizada em uma escola pública do município de Fortaleza/CE certificada pelo Programa Inovação e Criatividade do Ministério da Educação. O objetivo da pesquisa foi compreender como a escola classificada como inovadora e criativa compreende a criatividade em seu currículo e em suas práticas pedagógicas. Porém, este recorte visa apresentar uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Destaco que o conceito de criatividade na escola identificada na pesquisa é resultado de um contexto que envolve motivação, gestão democrática, parceria com a comunidade escolar e equipamentos de propagação de cultura. A finalidade das discussões é contribuir para a formação de agentes criadores e não apenas reprodutores de informação.

**Palavras-chave:** Currículo. Criatividade. Práticas Pedagógicas.

### Creativity at school: reflecting on curriculum and pedagogical practices

#### Abstract

This study is the result of the author's master's research entitled: Creating in activity: case study of an award-winning school Innovation and Creativity Program in Basic Education / MEC in Fortaleza, Ceará, which sought to discuss how creativity has been contemplated in the school Accomplished in a public school in the city of Fortaleza / CE certified by the Innovation and Creativity Program of the Ministry of Education. The objective of the research was to understand how the specialized school as innovative and creative understands creativity in its curriculum and in its pedagogical practices. However, this cut aims to present a qualitative bibliographic research. I emphasize that the concept of creativity at school identified in the research is the result of a context that involves motivation, democratic management, partnership with the school community and equipment for propagating culture. The form of representations is to contribute to the formation of creative agents and not just information reproducers.

**Keywords:** Curriculum. Creativity. Pedagogical Practices.

## 1 Introdução

A criatividade costuma ser um termo muito utilizado no contexto escolar, exigido nas práticas pedagógicas e no desenvolvimento dos alunos, porém, o termo, muitas vezes, é banalizado quanto a sua relevância. Acredita-se que o diferente é criativo, o colorido, o musical é criativo, mas pouco é feito no sentido de proporcionar o raciocínio dos alunos para que eles elaborem suas versões sobre os assuntos estudados na forma que preferirem expressar.

2

Como a criatividade tem sido contemplada na escola? Essa é a pergunta norteadora de uma série de discussões a qual essa pesquisa se propôs a investigar, com o intuito de contribuir com o currículo escolar. A sociedade contemporânea tem se modelado, ao longo de décadas, às demandas do mercado de trabalho, buscando suprir as necessidades da industrialização. Por sua vez, os demais segmentos da humanidade acompanham as transições globais tentando se adequar à lei da oferta.

Dessa forma, cada vez se faz mais necessária a mão de obra especializada para exercer os mais diferentes cargos nas mais diversas empresas e repartições. Em meio a esse contexto, o perfil de profissional que o mercado de trabalho exige também sofreu alterações. Destaca-se pessoas proativas, críticas e é extremamente valorizado aquele que busca desenvolver sua criatividade.

Considerando que a escola é a instituição educativa, legitimada pela Constituição Federal (BRASIL, 1988) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), assim como pela sociedade conforme afirma o Art. 1º da LDB. Cabe indagar: Será que em um contexto educacional, lugar esse onde se espera construir os conhecimentos escolares básicos de uma sociedade, a criatividade está sendo devidamente desenvolvida?

Durante o calendário escolar, surgiam as datas comemorativas e, como costuma ser feito na maioria das instituições escolares, algo de especial era preparado, porque era quando as crianças tinham a oportunidade de mostrar algo que a escola considerava criativo.

Esta abordagem parte de como a escola encara seu currículo e suas práticas pedagógicas, assim como da compreensão de entender o aluno como agente criador a partir da valorização da prática pedagógica do professor que, por

sua vez, reconhece sua turma e seus alunos individualmente, buscando assim meios que promovam a criatividade na escola. Refere-se, sobretudo, à relação docente-discente-conhecimento.

O tempo para amadurecer as informações e transformá-las em conhecimento é a base para a criação, e a ação de transformar informações em um produto resultado de suas elaborações mentais e habilidades fundamenta o que essa pesquisa defende como criatividade, em contrapartida à formação de alunos reprodutores de ideologias, plagiadores, que esperam uma nota por algo considerado bom segundo um padrão já estabelecido.

Porém, para minha surpresa, o momento criativo costuma ser apresentado na confecção de lembrancinhas, a saber: para o Dia das Mães; colagem de gravatas para o Dia dos Pais; colagem de algodão em figuras de coelhos na Páscoa; ensaio da coreografia de São João; pintura de capas das provas e depois de prontas as professoras corriam para deixar “bonito”, acrescentando mais glitter, mais papéis coloridos, pois os pais precisavam encontrar o trabalho de seus filhos em “bom estado”.

Inquieta-me ver que a realidade de algumas escolas limita a criatividade a datas e momentos específicos. Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar um excerto teórico-bibliográfico da dissertação intitulada: Criar em atividade: estudo de caso de uma escola premiada pelo Programa Inovação e Criatividade na Educação Básica/MEC em Fortaleza, Ceará que foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) acerca da criatividade no contexto escolar. O que tem sido discutido sobre a temática e quais as concepções que envolvem o desenvolvimento da criatividade como elemento presente na aprendizagem e no currículo da escola.

## 2 Metodologia

A pesquisa aqui apresentada classifica-se como qualitativa (GERHART; SILVEIRA, 2009), caracteriza-se por preocupar-se com elementos da realidade que

não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais e classifica-se como teórico-bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador se referenciar de pesquisas já existentes para embasar seu trabalho, “utiliza-se de dados ou de categorias já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados” (SEVERINO, 2007, p. 122).

4

Desta forma, é sobre o alicerce de pesquisas relevantes na área da educação e criatividade que esse artigo se fundamenta, buscando dialogar com autores que expressam a necessidade de se repensar o lugar da criatividade na escola.

### 3 Resultados e discussão

A criatividade está presente no cotidiano da vida humana em diversos segmentos da sociedade, porém, seu conceito, assim como a própria criatividade, se reinventa a cada novo estudo e aplicabilidade à medida que a sociedade também sofre alterações; sendo assim, não se têm definido um padrão conceitual singular sobre a temática. Dessa forma, veremos as principais definições defendidas pelos teóricos que estudam e pesquisam sobre o assunto e suas múltiplas variações conceituais.

O primeiro passo ao me reportar ao conceito de criatividade foi, antes de tudo, procurar o significado em dicionários. Segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, significa “inventividade, inteligência e talento, natos ou adquiridos, para criar, inventar, inovar”. Criar vem do latim *creare*, “erguer, produzir”, relacionado a *crescere*, “aumentar, crescer”.

A concepção de criatividade perpassa a visão de Antoine-Laurent Lavoisier (1743-1794), o pai da química moderna, em sua famosa Lei da conservação da matéria, ao defender que “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, até a passagem bíblica de Gênesis 1:1 ao se referir a Deus como o Criador de todas as coisas, com destaque, no original hebraico, para o verbo *bârâ*, utilizado absolutamente para criar, podendo ser usada também a ideia de fazer.

Dessa forma, o que se entende por criativo permeia a possibilidade de uma pessoa criar algo, aparentemente refere-se a inventar algo novo, inovando em uma ideia concebida como original. Assim entendida, como afirma Martínez (2003, p. 54) “a criatividade parece ser definida fundamentalmente por seu produto, por seu resultado”, justificando assim porque a maioria das pessoas envolvidas com artes são consideradas criativas pelo senso comum, pois é notoriamente mais visível, audível e palpável o produto de seu trabalho do que o de um matemático, por exemplo.

As teorias em torno da temática criatividade até meados dos anos 70 delimitaram-se a classificar indivíduos criativos e como desenvolver em sequência de passos, técnicas e procedimentos para determinar a criatividade, a exemplo de Osborn (1963), com seu método Osborn-Parnes para solução criativa de problemas e E.P. Torrance (1974), com seus métodos exploratórios de situações cotidianas, inclusive em contextos escolares que colaborem para o desenvolvimento da criatividade.

Dessa forma, estes mesmos autores levantam o questionamento de que, se a criatividade é um processo natural nos seres humanos, como creem os autores, por que será necessário ensinar o pensamento criativo? Será realmente possível ensiná-lo? À certa altura, alguns autores começaram a considerar a possibilidade de que talvez não fosse necessário ensinar o pensamento criativo se condições favoráveis forem apresentadas para o seu desenvolvimento processual.

Porém, após mais de vinte experiências, tornou-se óbvio para Torrance e Torrance (1974) que, apesar de alguns tipos de exercícios ou reforços positivos favorecessem a criatividade, ficou evidente que a falta de habilidades fundamentais estava prejudicando a qualidade do pensamento resultante.

Os métodos ainda são bastante utilizados em empresas e funcionam como base para novas pesquisas, porém, nos últimos vinte anos, conforme afirmam Alencar e Fleith (2003), novas contribuições teóricas surgiram, elencando diferentes componentes considerados necessários para a ocorrência da criatividade, convergindo assim à atenção de indivíduos dotados de criatividade para a compreensão de que todos possuem criatividade desde que sejam ofertados fatores

sociais, culturais, históricos para o seu desenvolvimento, como defende Shelley Carson, em seu recente livro, *O cérebro criativo – Aprenda a aumentar a imaginação, melhorar a produtividade e a inovar em sua vida* (2012), que une as propostas como as de Torrance, porém embasado na concepção de que:

Todos nós somos criativos. A criatividade é a capacidade humana que nos permitiu sobreviver até agora. Nossos cérebros são programados para serem criativos, e o único fator que o impede de expressar a criatividade, um direito de nascença, é a crença de que há pessoas criativas e não criativas e a de que você se encaixa na segunda categoria (CARSON, 2012, p. 27).

Essa mesma autora nos apresenta uma reflexão sobre práticas do nosso cotidiano, como por exemplo, a última conversa da qual você participou – reflete a autora. “Pense no que disse e observe como selecionou palavras (que representam objetos, situações ou ações específicas) do estoque de sua memória e os combinou numa ordem nova e nunca antes verbalizada” (CARSON, 2012, p. 27).

Da mesma forma, como ocorre ao solucionarmos problemas simples, como quando resolvemos algo sem manual de instruções, ou damos outra função a objetos domésticos para uma função que não aquela para a qual ele foi comprado, por exemplo: cobrir a cabeça durante uma chuva repentina com um livro – essa é a essência da criatividade, segundo a autora.

Ao relacionar criatividade e as teorias em torno da aprendizagem nos deparamos com os escritos de Lev Vygotsky (1896-1934) psicólogo bielo-russo, pesquisador na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel das relações sociais nesse processo, dando origem a uma corrente de pensamento denominada Sócio Construtivismo. Segundo Vygotsky (1989, p. 63), a criatividade é uma das funções psicológicas superiores eminentemente humana intimamente relacionada ao desenvolvimento pessoal, social, científico e cultural de uma sociedade.

O conceito de imaginação criativa, na abordagem apresentada por Vygotsky, deve-se ao desenvolvimento do psiquismo e aos processos criativos. Nesse sentido, parte da premissa de que a atividade essencial de transformação da natureza pela produção de instrumentos (trabalho) favorece o desenvolvimento das características



essenciais humanas, desde aqueles aparentemente mais elementares (postura ereta, polegar opositor, etc.) até um alto grau de abstração e generalização resultado do desenvolvimento de fenômenos psicológicos complexos (incluindo os processos criativos).

Destarte, defendo a ideia de uma aprendizagem que gere significado através do desenvolvimento da criatividade dos indivíduos. Sob esse mesmo viés, por exemplo, a teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel (1918-2008), psicólogo da educação e professor emérito da Universidade de Columbia, enfatiza o papel que os conhecimentos prévios desempenham na aprendizagem. O conceito central da teoria de Ausubel é o de aprendizagem significativa entendida como um processo em que as novas informações ou os novos conceitos interagem com um aspecto relevante existente na estrutura cognitiva inicial do aluno (PAIXÃO, 2009).

Nesse sentido, um conteúdo é aprendido de forma significativa quando se articula com outras ideias, conceitos ou proposições relevantes e inclusivos disponíveis na estrutura cognitiva do sujeito, funcionando como âncoras. Destaco como exemplo prático de uma ação docente que proporciona uma aprendizagem significativa, a pesquisa desenvolvida pelas autoras Furtado e Vital (2021) que relatam percursos vividos no contexto da Educação Infantil em atendimento remoto, aliando o cotidiano as vivências experienciais de forma significativa, valorizando a fala e o processo criativo através da fotografia de diferentes momentos de vida sob a perspectiva e autoria das crianças.

Diante do exposto, Kaufman, Beghetto e Pourjalali (2012), dão continuidade a compreensão de criatividade no artigo intitulado *Criatividade na sala de aula: uma perspectiva internacional*, descrevem que a criatividade se divide em dois níveis, a primeira com expressões cotidianas de criatividade (criatividade ‘*little-c*’ – ‘criatividade com c-minúsculo’) e a segunda, mais amplas, nas grandes lendas de vidas criativas (criatividade ‘*Big-C*’ – ‘criatividade com C-maiúsculo’).

Para as autoras, a diferença entre os dois tipos de criatividade pode ter como exemplo, se assunto é arte, a *little-c* pode ser discutir a criatividade de sua filha de três anos; ou focar-se no gênio artístico de Picasso, Dalí, Monet, Kahlo e Warhol, *Big-C*. Se o assunto mudar para a escrita, o foco poderá estar em uma

história curta original escrita por um aluno da oitava série; ou nas obras-primas literárias de Twain, Garcia Márquez, Hemingway, Dickinson e Tchekhov.

A pesquisa de Kaufman, Beghetto e Pourjalali (2012, p. 142) se estende também pelas influências que a criatividade exerce sobre as diferentes culturas, citando autores como Sawyer (2006), que resumiu essa perspectiva dicotômica explicando que, na “sociedade individualista, considera-se que o criador seja a apoteose do indivíduo, mas, em sociedades coletivistas, considera-se que o criador seja a apoteose do grupo”.

Diante de algumas definições apresentadas sobre a evolução da concepção de criatividade, destaco o conceito apresentado por Howard Gardner (psicólogo americano e professor de Cognição e Educação na Universidade de Harvard e professor adjunto de neurologia na Universidade de Boston) as habilidades, ou em suas palavras, as inteligências humanas, precisam ser consideradas em âmbito escolar.

O autor define inteligência como “potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura” (GARDNER, 2001, p. 47).

Resumidamente, refere-se à capacidade intrínseca de cada pessoa desenvolver-se em determinadas áreas, podendo ser incentivado em seu contexto social a ampliar suas habilidades. Diante de variadas definições de criatividade José Gimeno Sacristán, pedagogo espanhol, professor de Educação e Organização Escolar na Universidade de Valência, Universidade *Complutense* de Madrid e da Universidade de Salamanca, importante pesquisador na área de currículo, em seu livro *O Currículo* (2000), descreve currículo como “o cruzamento de práticas diferentes e se converte em configurador, por sua vez, de tudo o que podemos denominar como prática pedagógica nas aulas e nas escolas” (SACRISTÁN, 2000, p. 26).

Dessa forma, o sistema educativo descrito pelo autor desenvolve-se basicamente por oito subsistemas relacionados à prática do currículo, são elas: o âmbito da atividade político-administrativa (gestão escolar); o subsistema de participação e controle (divisão de poderes: professores, pais, órgãos especializados



e etc.); a ordem do sistema educativo (níveis escolares); os âmbitos de criação culturais, científicos (seleção curricular da cultura); subsistema técnico-pedagógico: formadores, especialistas e pesquisadores em educação; sistema de inovação (renovação curricular) e por fim o sistema prático-pedagógico (intercâmbio entre professor e aluno).

A apreciação, o espaço para a retórica (a arte de bem argumentar; oratória), a dialética (a arte do diálogo) são fundamentais para despertar o potencial criativo dos discentes necessárias para o lugar da reflexão que são as bases de uma educação que permita o surgimento de indivíduos criativos com fundamentos bem estruturados dos conhecimentos elementares da sociedade, mas que possibilite ao aluno expressar a sua compreensão/ versão através de sua criatividade, gerando assim um currículo que gere significado para o aluno.

9

#### 4 Considerações Finais

Ao longo do percurso escolar, é bem certo que a padronização e a falta de possibilidades que muitas escolas sofrem têm tolhido a criatividade e a individualidade tanto de discentes quanto de docentes, porém a busca para que, ao final desse árduo processo, resulte em crianças autônomas, criativas, inovadoras é esperada.

A criatividade na escola, principal foco desta pesquisa, está além de recorte de papéis coloridos, músicas de entretenimento e coreografias apresentadas em datas comemorativas. A criatividade está na autonomia dada a discente e ao docente de pensar, de elaborar suas conjecturas, de ter acesso à informação, está nas ações motivadoras e orientadoras de uma gestão que escuta e que oportuniza meios para a valorização da criatividade de seus agentes, está na ação docente criativa e conseqüentemente na oportunidade de expressão de seus alunos.

A criatividade no currículo da escola tem se apresentado como um agravante, uma dimensão pouco levada em consideração nos documentos legais que fundamentam o ensino no Brasil, colocada como uma concepção já posta e pouco explorada, o que aponta para a falta de políticas públicas voltadas para o

desenvolvimento da criatividade na construção de uma escola pública que favoreça ao discente e ao docente a possibilidade de explorar seus potenciais e habilidades e destaque para tanto, a frequente busca por aperfeiçoamento que o docente necessita para constituir-se cada vez mais digno de sua função de ensinar e ensinar bem, encontrando na formação continuada um meio de ampliar sua visão docente.

Vimos que a criatividade pode ser favorecida no currículo escolar como um lugar frequentes discussões e aprimoramento das práticas que envolvem a escola e para tanto, necessita reconhecer que esta dimensão não deve ser apenas uma palavra agregada a um conjunto de outras palavras, mas sim uma estrutura que deve ser pensada em como oportunizar condições para seu desenvolvimento.

10

## Referências

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Criatividade**: múltiplas perspectivas. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

CARSON, Shelley. **O cérebro criativo**: Aprenda a aumentar a imaginação, melhorar a produtividade e a inovar em sua vida. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

FURTADO, A. P. A.; VITAL, F. P. A. “Meu quintal é maior que o mundo”: reflexões sobre currículo na Educação Infantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6172/5398>  
Acesso em: 12 ago. 2021

GARDNER, Howard. **Inteligência**: um conceito reformulado. Tradução de Intelligence Reframed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2017.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAUFMAN, James C.; BEGHETTO, Ronald A.; POURJALALI, Samaneh. Criatividade na sala de aula: uma perspectiva internacional. *In*: WECHSLER, Solange Muglia; SOUZA, Vera Lúcia T. (Orgs.). **Criatividade e aprendizagem**:

caminhos e descobertas em perspectiva internacional. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Criatividade, personalidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

OSBORN, A.F. **Applied Imagination: Principles and Procedures of Creative Problem-Solving**. New York: Scribner, 1963.

11

PAIXÃO, M. do S.S.L.; M. da G. D. A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel. In: CARVALHO, M. V. C. de; MATOS, K.S.A.L. de **Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão**. Fortaleza: UFC, 2009. p. 81-115.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TORRANCE, E. P.; TORRANCE, J. P. **Pode-se ensinar criatividade?** São Paulo: EPU, 1974.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

---

<sup>i</sup> Ariany Lima Vieira Guerra, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5381-6319>

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação.

Mestra em Educação e Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Psicopedagoga Clínica e Institucional pela Universidade Estadual do Ceará. Dedicou-se a pesquisas sobre Didática, Currículo, Criatividade; Interdisciplinaridade  
Contribuição de autoria: Desenvolveu a pesquisa baseada na dissertação: Criar em atividade: estudo de caso de uma escola premiada pelo Programa Inovação e Criatividade na Educação Básica/MEC em Fortaleza, Ceará.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8907820552068521>.

E-mail: [arianylv@gmail.com](mailto:arianylv@gmail.com)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

### Como citar este artigo (ABNT):

GUERRA, Ariany Lima Vieira. Criatividade na escola: refletindo sobre currículo e práticas pedagógicas. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.